



## Marisa Midori Daecto

### Arquivos, bibliotecas e hemerotecas são memórias do mundo

Marisa Midori Daecto, historiadora e doutora em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, é professora Livre-Docente em História do Livro no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes - ECA-USP e orientadora de pesquisas pelo Programa de Pós-Graduação PPGHE-USP. Docente convidada em diversas instituições estrangeiras, dentre as quais, a École Nationale des Chartes, a École Normale Supérieure e a École Pratique des Hautes Études, em Paris, recebendo, em 2017, o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Eszterházy Károly, Eger (Hungria), por suas contribuições à difusão da história dos livros e das bibliotecas em uma perspectiva transnacional. Autora de “Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leituras na São Paulo Oitocentista”, (Edusp/Fapesp, 2011), recebeu o Prêmio Jabuti oferecido pela Câmara Brasileira do Livro (1º lugar em Comunicação) e o Prêmio Sérgio Buarque de Holanda, outorgado pela Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro na categoria melhor ensaio social. E-mail: [marisamidori@usp.br](mailto:marisamidori@usp.br)

### Arquivo abre horizontes e desperta o gosto pela pesquisa

A primeira experiência no APESP foi no início da década de 90, mais precisamente, no primeiro semestre de 1993. O edifício se localizava na Rua Dona Antônia de Queiroz, nº 183. Lembro-me bem do endereço, pois não conhecia a região. Na época, celular era, no limite, um instrumento muito desengonçado usado por James Bond. Então, a gente anotava a informação num papelzinho e seguia as placas e indicações de outras pessoas. Era um casarão antigo, com janelas amplas e muito arejado. Eu pesquisava as matérias veiculadas sobre os preparativos e as celebrações do IV Centenário de São Paulo (1954), para um trabalho que realizava como estagiária do Departamento de Patrimônio e História (DPH) da Secretaria Municipal. Por sorte, pude consultar os jornais diretamente.

Na época, celular era, no limite, um instrumento muito desengonçado usado por James Bond. Então, a gente anotava a informação num papelzinho e seguia as placas e indicações de outras pessoas.

Digo, sorte, porque nunca gostei dos microfilmes. Passei algumas tardes no Arquivo a ler jornais e revistas. Depois, o atendente, cujo nome me escapa, apresentou-me alguns livros sobre a História de São Paulo: o Ernani Silva Bruno, Richard Morse, Afonso de Freitas... muitos eu já conhecia, pois no DPH havia uma pequena, mas muito bem selecionada coleção de obras sobre a história paulista. Isso tudo abriu meus horizontes e despertou o gosto pela pesquisa, de modo que a descoberta do arquivo se deu ao mesmo tempo que os primeiros desvendamentos no curso de História da USP, onde ingressei em 1992.

### O historiador não deve abrir mão da pesquisa em arquivos

É o trato com as fontes, como se dizia na faculdade, que distingue nossa disciplina, nesse amplo setor de estudos a que chamamos Humanidades. O Arquivo do Estado, como relato mais abaixo, teve papel central nas pesquisas posteriores, durante o mestrado e o doutorado. E, claro, meus orientandos seguiram o mesmo ritual, por assim dizer. Para as pesquisas sobre São Paulo é preciso, ainda, assinalar a importância do Arquivo Municipal. Ele ficava no Solar da Marquesa, ao lado do Pátio do Colégio, não muito longe da Sé. Depois, visitei as novas instalações na estação Tiradentes do metrô. O uso de antigos casarões, ou edifícios

públicos do início do século XX para a instalação de arquivos e bibliotecas é muito importante do ponto de vista da preservação da história e do patrimônio da cidade. É claro que as obras de restauro e manutenção podem ser, às vezes, mais onerosas ao poder público do que a construção de um prédio moderno. Também é preciso pensar no acondicionamento dos documentos, e na criação de ambientes propícios ao trabalho de restauração, arquivamento e consulta aos materiais. Os dois exemplos assinalados, a saber, as antigas sedes do APESP e do Arquivo Municipal careciam de infraestrutura mais apropriada para o trabalho de arquivo e biblioteca em diferentes níveis de necessidades, mas o pessoal era sempre muito competente e prestativo.

À medida que minhas pesquisas ganhavam novos voos, pude confrontar estas primeiras experiências com outras realidades. A visita ao Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, foi uma decepção. Já entrávamos no novo milênio e tanto as instalações físicas, quanto o acervo, careciam de cuidado. Era difícil, ou praticamente impossível identificar uma informação nos fichários disponíveis e o único atendente que encontrei parecia muito desmotivado. Uma tristeza o abandono a que se havia legado uma instituição tão importante. Mais adiante, em 2004, parti para uma pesquisa em Paris, com bolsa da Fapesp. Trabalhei o Arquivo da Cidade e, em seguida, o famoso Arquivo Nacional.

O uso de antigos casarões, ou edifício públicos do início do século XX para a instalação de arquivos e bibliotecas é muito importante do ponto de vista da preservação da história e do patrimônio da cidade.

### Sistemas de classificação e instrumentos de buscas integrados e eficientes são cruciais para recuperação da informação nos arquivos

O sistema de informação é articulado, de modo que eu precisava encontrar o número de registro de um cidadão francês, nascido em meados do século XIX, em Paris, no caso, Anatole Louis Garraux, o primeiro livreiro francês a se instalar na cidade de São Paulo e fazer fortuna em sua profissão, como eu o apresento em “O Império dos Livros”, para, então, colher documentos a seu respeito no Arquivo Nacional. A pesquisa

...eu diria que nos falta um sistema de classificação e informação integrado, que nos permita maior autonomia para buscar documentos a partir do cruzamento de palavras chaves, períodos, lugares, enfim... instrumentos de buscas que nos ofereçam maior segurança...

era em microfilmes, e minha missão era encontrar, em meio a milhares de assinaturas, aquela que coincidia com o nome do meu personagem. Como a cidade havia sido foco de incêndio durante a Comuna, as reproduções estavam muito danificadas e levei uma semana para encontrar as pistas do Garraux.

O Arquivo Nacional ficava no coração do Marais, num belíssimo palácio. Não havia espaço para nada, e os funcionários reclamavam muito das instalações. Mas, para o pesquisador, essa ambiência é muito importante e, confesso, minhas últimas pesquisas no novo edifício do Arquivo Nacional, instalado nas bordas da cidade, não foram tão prazerosas. Comparando as duas realidades, eu diria que nos falta um sistema de classificação e informação integrado, que nos permita maior autonomia para buscar documentos a partir do cruzamento de palavras chaves, períodos, lugares, enfim... instrumentos de buscas que nos ofereçam maior segurança quanto ao fato de que a busca foi exaustiva. Talvez seja possível sonhar com o momento em que a digitalização de todo o acervo, ou, pelo menos, um projeto neste sentido, possibilite, pelo menos, a identificação, classificação, restauro, informação e disponibilização de dados completos sobre todos os documentos contidos em um arquivo e, se possível, um diálogo mais próximo com arquivos detentores de documentos afins.

Um exemplo flagrante, vivenciado por mim e por uma aluna, é a consulta aos inventários post-mortem. Há listas de documentos disponíveis no Arquivo do Estado, mas também no Arquivo do Judiciário, cada um com seu método e sua dinâmica de trabalho. Um sistema articulado não demanda necessariamente a remoção dos materiais de um arquivo para outro, mas permitiria ao pesquisador uma visão de conjunto do estado das coisas. Pelo menos, foi isso o que aprendi nas minhas andanças.

Ou seja, quando os instrumentos de busca não são bons, nos tornamos muito dependentes do atendimen-

to pessoal. Se o funcionário se interessa pelo tema e conhece bem o acervo, excelente.

A pesquisa poderia durar semanas, pois havia sempre algo de novo a consultar. Mas, se não houvesse esta adesão imediata do funcionário, a pesquisa ficava truncada e, não raro, era preciso retornar em outra época. Isso aconteceu muitas vezes, tanto comigo, quanto com o professor Carone. Hoje, consultando o site da APESP, percebemos que há um trabalho técnico de qualidade, o que resulta na disponibilização on-line dos documentos, os quais vêm acompanhados de uma ficha técnica muito bem desenhada. Sabemos que tudo isso demanda tempo e pessoal. Espero que este trabalho se mantenha e que todo o acervo possa ser objeto do mesmo cuidado, mesmo que nem todo o material seja digitalizado, a classificação e a publicação dessas fichas são instrumentos fundamentais para o pesquisador.

...quando os instrumentos de busca não são bons, nos tornamos muito dependentes do atendimento pessoal. Se o funcionário se interessa pelo tema e conhece bem o acervo, excelente.

## São Paulo como objeto de pesquisa, sob orientação de Edgard Carone

Na APESP o foco foi sempre a história de São Paulo. Ali pesquisei e li muitos jornais, dos séculos XIX e XX, alguns em papel, outros em microfilme. Os anuários estatísticos do Estado de São Paulo, quando do estudo sobre o comércio exterior, o movimento de importações e exportações entre 1890 e 1930, que me interessavam, bem como os registros de instalações comerciais inscritos na cidade, no mesmo período; foram essas as principais fontes consultadas durante o mestrado, que deu origem ao livro “Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo (1889-1930)”, publicado pela Editora Senac,



em 2002. As visitas ao APESP às vezes eram feitas com meu orientador, o Prof. Edgard Carone. Ali consultamos muitos mapas antigos da cidade e do Estado, pois Carone escrevia, na mesma época em que eu fazia meu mestrado, um livro intitulado “A Evolução Industrial de São Paulo”, que foi publicado pela Editora Senac em 2000. No Arquivo do Estado descobrimos as volumosas fichas policiais, quando da abertura dos arquivos do Deops. Nesses tempos, estávamos na nova sede e aproveitávamos para passar na pequena livraria instalada na portaria, onde comprávamos quase todas as publicações do Arquivo, que eram bem editadas e muito importantes como complemento de pesquisa, ou conhecimento do acervo, seus fundos e coleções.

Foram muitas as pesquisas, porém, a mais importante, em um julgamento puramente subjetivo e retrospectivo, foi *Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo (1889-1930)*. E eu explico a razão. Fui aluna da Profa. Maria Odila Leite da Silva Dias, autora de “Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX”, e de seus discípulos, Nicolau Sevchenko, que faleceu no auge da carreira, Maria Inês Borges Pinto e Elias Thomé Saliba. Todos mergulharam na história paulista e propuseram novas perspectivas e abordagens, condizentes com o movimento de renova-

ção historiográfica que olhava para as chamadas minorias, ou os desclassificados, ou enfim, temáticas de natureza social e cultural que buscavam revelar, como dizia a profa. Maria Odila, em sala de aula, “as fímbrias do poder”.

No entanto, ao mesmo tempo que essa nova historiografia se revelava não apenas na USP, mas também na Unicamp, onde as leituras de Thompson marcaram de forma muito mais decisiva a produção daquele período (sobre São Paulo, inclusive), meus diálogos com a Profa. Raquel Glezer, que fizera sua tese de livre-docência sobre a formação do perímetro urbano da cidade de São Paulo – o que, no contexto, figurava demasiadamente tradicional- e com o Prof. Edgard Carone, eram constantes!

Há sempre um desvão, ou um ponto cego nos arquivos e nas bibliotecas. Ali você pode encontrar seu mapa da mina.

Eu trabalhei diretamente com o Prof. Edgard Carone de 1993 até 2002 (ele faleceu em fevereiro de 2003). Ora, tudo isso me permitiu um mergulho total nas fontes de arquivos (do APESP e do Arquivo Municipal)

com um novo olhar. As pesquisas sobre o comércio não eram comuns. A história da indústria de São Paulo tinha grande relevo e fora objeto de teses e debates importantes, como aquele sobre a substituição das importações, durante a Primeira Guerra.

Meu interesse era o de articular as questões relacionadas à evolução da atividade comercial de São Paulo, em termos quantitativos e qualitativos, seguindo, de fato, uma abordagem tradicional, e compreender seu impacto sobre as feições da cidade, donde a importância da hemeroteca, mas, também, das coleções iconográficas da cidade e, como anuncia o título, avaliar a extensão desse comércio sobre a vida das pessoas (dos trabalhadores e dos consumidores) e, enfim, das formas de consumo como um indício da vida material em São Paulo, em suas diferentes classes de consumo.

Para tanto, foi necessário ler os jornais, investigar as estatísticas, acompanhar o crescimento das casas comerciais no Centro da cidade ano a ano (de 1889 a 1930), através das inscrições das empresas, mas também dos impostos recolhidos (pesquisa realizada pelo Prof. Nelson Nozoe), confrontar esses dados com o movimento de mercadorias importadas, avaliar nos relatos memorialísticos o que significava viver em uma cidade em processo de modernização, identificando a percepção das classes mais abastadas, mas, também, de operários, como Everardo Dias, que deixaram seus registros, identificar os espaços urbanos nas fotografias, listar as ruas, computar os habitantes... foi um trabalho imenso e muito gratificante! Sem dúvida, a chave de acesso ao ofício de historiador. O que me preparou para pesquisas futuras.

### **Os livros e os documentos de arquivo são frutos da produção humana e devem estar disponíveis e acessíveis de forma ampla e irrestrita**

Eu não consigo fazer distinção entre a pesquisa nas hemerotecas e bibliotecas e a pesquisa nos arquivos. Talvez porque me falte a formação nas áreas da biblioteconomia e da arquivologia. Como historiadora do livro e das bibliotecas eu compreendo a importância de se listar, classificar, catalogar e disponibilizar ao público toda a documentação de um acervo, de forma ampla e irrestrita. Mas, meu conhecimento fica por aí, ou seja, ele se encerra no ponto em que eu posso compreender por documentação tanto os livros, quanto os documentos produzidos de diversas naturezas e disponibilizados nos mais diversos suportes. Isso porque todos os documentos são frutos da produção humana e são passíveis de uma descrição, tanto do ponto de vista dos conteúdos, quanto de sua forma material. Logo, eles podem ser classificados e catalogados. Pode ser que eu esteja equivocada, mas a leitura de um importante bibliógrafo, chamado D. F. McKenzie, autor de “Bibliografia e Sociologia dos Textos”, publicado pela Edusp em 2019, cujos argumentos foram apresentados para um público bastante seletivo, durante uma série de conferências proferidas na British Library, fizeram-me crer que este raciocínio faz sentido.

### **Arquivos e seu significado profundo para o exercício da cidadania e garantia de direitos**

Em 1992, a Unesco lançou o Programa Memória do Mundo. A iniciativa, segundo documento publicado pela instituição, parte do seguinte pressuposto:

“(...)o patrimônio documental mundial pertence a todos e deve ser completamente preservado e protegido por todos, além disso, com o devido reconhecimento e respeito por hábitos e práticas culturais, ele deve ser permanentemente acessível a todos, sem obstáculos”.<sup>1</sup>

Penso que este documento traduz a importância dos arquivos e seu significado profundo para o exercício da

<sup>1</sup> A UNESCO estabeleceu o Programa Memória do Mundo (Memory of the World Programme) em 1992. O ímpeto teve origem no aumento da conscientização sobre a condição lamentável de preservação e acesso ao patrimônio documental em várias partes do mundo. A visão do Programa Memória do Mundo é a de que o patrimônio documental mundial pertence a todos e deve ser completamente preservado e protegido por todos, além disso, com o devido reconhecimento e respeito por hábitos e práticas culturais, ele deve ser permanentemente acessível a todos, sem obstáculos. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/information-preservation-brazil>. Acesso em: 18/02/2021

cidadania e a garantia de nossos direitos. Uma sociedade sem passado é uma sociedade fadada a reinventar seus próprios erros e destinada a anular os direitos de seus cidadãos.

### **Dicas para um pesquisador: converse com o funcionário mais envolvido no trabalho e duvide daquilo que está disponível**

Considero importante que o pesquisador procure entender como é feita a classificação dos fundos do arquivo; como estão descritas as fichas dos documentos; e, depois, quais critérios usados para a identificação dos mesmos. Converse com o funcionário mais interessado e envolvido no trabalho e duvide daquilo que está disponível nos computadores e nos fichários. Há sempre um desvio padrão ou um ponto cego nos arquivos e nas bibliotecas. Ali você pode encontrar seu mapa da mina.